

A INFÂNCIA RETRATADA PELA MÍDIA: ANÁLISE DA “SÉRIE CRIANÇAS”¹

Daniela de Campos²
Ivone Terebinto Alchieri³
Marizete Bortolanza Spessato⁴

Resumo: Este artigo apresenta uma análise da Série Crianças, uma produção da Rede Globo, exibida no Fantástico no período de agosto a setembro de 2005. A série foi construída através de depoimentos de crianças falando sobre diferentes temáticas do cotidiano: medo, relacionamento homem/mulher, diferenças de classe sociais e futuro. Entre os objetivos propostos no trabalho de pesquisa que deu origem a este artigo pretendeu-se analisar se a Série Crianças, na proposta evidenciada de “dar voz” à criança, contemplou a sua participação efetiva e identificar as principais características que constituíram a série, aqui avaliada como um misto entre jornalismo entretenimento, assim como é o Fantástico, programa no qual a série foi veiculada.

Palavras-chave: criança, mídia, educação.

Considerações Iniciais

A Série Crianças apresentada na Revista Eletrônica Fantástico, por Regina Casé foi ao ar no dia 31 de junho de 2005. Nas suas quatro edições, o programa se propôs a fazer um passeio pelo mundo infantil. O programa Fantástico é semanal, apresentado aos domingos às 20 horas e trata de assuntos gerais que foram notícia durante a semana e também de curiosidades e entretenimento. A Série Crianças durante quatro semanas abordou temáticas voltadas para relacionamento, sexualidade, mitos e medos que fazem parte do universo das crianças.

Neste artigo, faz-se uma análise da série, verificando se na proposta evidenciada de “dar voz” à criança foi de fato oportunizada a ela a manifestação de sua percepção sobre as temáticas abordadas e se as diferenças econômicas, sociais e étnicas que caracterizam a infância foram contempladas. Algumas perguntas direcionaram este estudo: Como foi a participação da criança ao expor sua realidade na série Crianças, apresentada por Regina Casé? Qual o papel/espço da apresentadora durante as quatro edições da série Crianças? A série Crianças teve cunho jornalístico ou de entretenimento?

Sabemos que a televisão aberta oferece poucas alternativas para crianças, especificamente a Rede Globo, emissora que veiculou o programa objeto dessa análise. Neste veículo são exibidas, em média, três horas diárias de programação infantil. Ainda assim, a maioria dos desenhos são norte-americanos ou japoneses, apresentam personagens estereotipados que carregam na sua essência cenas de violência. O início da programação destinada ao público infantil começa às 9:30h da manhã, com a apresentação do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, produção que remete-se muito ao folclore brasileiro, um dos poucos programas que fogem da perspectiva descrita acima.

Na seqüência, a emissora apresenta ao público um programa com a apresentadora Xuxa Meneguel: a TV Xuxa. Nele, as crianças participam através de gincanas com perguntas e respostas e em competições entre dois grupos distintos: meninos contra meninas. Há ainda a Sessão X, em que são apresentados desenhos que mostram uma realidade diferente da brasileira. Esses programas são veiculados de segunda a sexta-feira.

Diante desta formatação dos programas infantis, comuns também a outras emissoras de televisão aberta brasileira, a série Crianças parecidos, à primeira vista, romper esta estrutura. Não é comum ver crianças falando sobre a infância, especialmente quando o programa em discussão encontra-se em horário nobre, como é o caso da Revista Eletrônica Fantástico, pois geralmente, nesses casos, mães, educadores e psicólogos aparecem na tela para retratar a infância, diferente do que foi a série em análise.

Este trabalho se propôs ao desafio de, a partir do olhar permitido pela formação em Comunicação Social – Jornalismo, analisar a relação Mídia e Educação. Um desafio que julgamos pertinente porque além de produzir, o profissional da comunicação deve ter consciência da interferência de seu trabalho no mundo social.

A série Crianças

O programa de Regina Casé representou uma nova proposta, um novo formato com linguagens e abordagens que contemplaram questões do universo infantil, trazendo para discussão temas como sexo, violência, namoro, família e escola. Neste contexto percebe-se uma participação maior das crianças, que vivenciaram mudanças no seu comportamento em decorrência de mudanças significativas na sociedade contemporânea. O espaço concedido a elas nos meios de comunicação, na sua maioria, não oferece oportunidade para que expressem suas opiniões, vontades, medos e angústias.

Durante as quatro edições da série foram questionados e apresentados assuntos diferentes. O primeiro programa foi ao ar com a temática medo. Mostrou uma perspectiva de evolução dos medos infantis através de depoimentos do cotidiano das crianças. O segundo programa retrata o relacionamento entre meninas e meninos, família e casamento, faz referências ao passado, à emancipação feminina e às brincadeira de ontem e hoje. A temática classe social foi tratada no terceiro programa, que mostrava o dia-a-dia de crianças consideradas ricas e pobres e suas possibilidades de consumo frente às limitações impostas pela sociedade capitalista. O quarto e último programa teve como temática o futuro, mostrou

as indecisões enfrentadas pelas crianças que vivem diante de inúmeras escolhas que precisam realizar mas que nem sempre são alcançadas devido a sua posição social.

Medos: Primeiro programa da série

Do bicho-papão à bala perdida. O primeiro programa da série Crianças abordou a temática medo e seguiu mais ou menos esse percurso (do medo do bicho papão ao medo da bala perdida) em relação à evolução dos medos infantis. A série foi ao ar pela primeira vez com uma narrativa de experiência pessoal da apresentadora, Regina Casé. A partir da descrição das imagens de um vídeo caseiro, a apresentadora conta as experiências pelas quais passou e nas quais sentiu medo: “Quando eu era pequenininha, eu ficava apavorada debaixo da coberta, morrendo de medo do bicho-papão”.

A partir de então, começam os depoimentos de crianças, de diferentes faixas etárias, mais ou menos entre quatro e doze anos (faz-se a observação por análise das características dos entrevistados). A primeira entrada foi das crianças de classe média carioca (descrição feita pela observação dos entrevistados e dos cenários, e também pelo fato de que o bloco seguinte vem com a descrição Zona Sul – favela, em legenda). A questão econômica foi um fator importante na divisão dos depoimentos. Percebe-se isso pela descrição dos medos do grupo. Os primeiros nove entrevistados apontaram como os principais motivos de medo a onda de violência na cidade, que é algo bastante presente na mídia. Em todos os depoimentos as crianças descreveram situações de tensão, a maioria delas imaginadas, envolvendo violência.

Uma das crianças⁵, identificada aqui como “H”, narra a seguinte preocupação “Eu tenho medo que um terrorista entre, comece a atirar, mate o meu pai, mate a minha mãe, a minha irmã e eu fico sozinho, preso em casa.” A apresentadora pergunta: “E ele te matar você nem pensa?” Ele responde: “E daqui a duas horas eu tenho um fim”. “Você o quê?”, pergunta Casé, e ele responde “eles vão me matar”.

O depoimento mostra uma angústia bastante presente na sociedade atual, mas também reflete a presença constante da violência na programação da mídia. O médico e apresentador de um dos quadros

do Fantástico, Drauzio Varella, no seu artigo sobre “Violência na TV e comportamento agressivo”, diz que essa problemática não surgiu agora, é bem antiga, surgiu no final dos anos 1940, assim que a televisão entrou nas casas de família. Nos Estados Unidos, país com o maior número de aparelhos por habitante, a autoridade máxima de saúde pública do país (Surgeon General) já afirmava em comunicado à nação, no ano de 1972: “A violência na televisão realmente tem efeitos adversos em certos membros de nossa sociedade” (VARELLA, 2002)⁶.

O autor acrescenta ainda que a violência na programação das TVs nos dias atuais tem aumentado consideravelmente. Aponta uma grande preocupação com os telespectadores, principalmente crianças e adolescentes. Cita ainda o tempo como principal agravante desta questão. “Nunca se assistiu a tanta violência na televisão como nos dias atuais. Dada a enormidade de tempo que crianças e adolescentes das várias classes sociais passam diante da TV, é lógico o interesse pelas conseqüências dessa exposição”(VARELLA, Drauzio, 30/08/2002, disponível em www.drauziovarella.com.br acesso maio de 2006).

Os depoimentos apresentados nesse programa da série revelam ainda a presença de preconceito de classes entre as crianças do grupo da aqui denominada classe média. Na seqüência da conversa, o grupo discute o medo de tiroteios, de balas perdidas e outro entrevistado, I, afirma: “Morro de medo quando chega esses caras, esses adolescentes assim, preto da favela, com a mão no bolso grande. Caraca!”

Diante da colocação, a apresentadora responde: “Normal ter medo, normal, do jeito que a cidade é. Você acha que isso então atrapalha muito, porque para você ficar amigo de um menino que seja negro e pobre você já vai partir do princípio que ele é uma ameaça. Enquanto você poderia ficar amigo, conversar com ele, bater um papo. Mas, como todo mundo vive com medo, você nem pode chegar nele e ficar amigo dele é ou não é?”

Essa é uma pergunta que fica sem resposta no programa. O que vem a seguir são os depoimentos dessas “crianças pobres”, já que aparece a descrição “Zona Sul – favela” na entrada dos novos depoimentos, gravados em cenários que também identificam classe social mais baixa, com vista da favela.

A apresentadora da série, na sequência, questiona as crianças sobre seus medos. A criança “J” diz ter medo de tudo, de todos os bichos como: rato, barata, cobra, macaco, aranha, onça, urso... e então Casé refaz a pergunta “Você só tem medo de bicho, de gente não tem não?” Diante na nova pergunta, a menina “J” diz “tenho medo do caverão⁷, se a gente não obedece ele, ele solta tiro, aí a gente morre”. Outra criança é novamente questionada sobre “o medo de gente”: “Você tem mais medo da polícia ou de bandido?”, a resposta da criança “K” é: “medo maior do caverão”. A criança descreve o carro de operações especiais da polícia do Rio de Janeiro com detalhes, “ele é todo blindado, tem uma caveira e tem alto-falante, e fica dizendo: sai da frente, sai da rua, vai dormir”. (essas crianças aparentam estar na faixa etária entre seis a oito anos) outra criança, “M”, intervém e completa “ele fica falando assim: todo mundo pode indo pra casa, todo mundo foi pra casa e as ‘birosca fechou’ (referindo-se aos estabelecimentos comerciais da favela).

Quando falam dos bandidos, as crianças também fazem descrições das roupas que eles usam, dos tamanhos das armas, como é o barulho dos tiros. Casé pergunta como é o barulho de uma arma e a criança “M” diz “pá, pá, pum”. A mesma criança conta que quando começam os barulhos ela se esconde no quarto, em baixo da cama, até passar. O grupo de crianças afirma ainda que quando os bandidos estão em guerra eles trocam tiros, jogam granadas e matam. Usam até metralhadoras. A apresentadora pede ao menino “L” que descreva as armas que ele conhece. E ele fala: “macaca, ponto 30, pistola prateada, um montão de arma”.

Outra criança descreve as cenas de quando os tiroteios na favela começam, com a intimidade de quem convive com essa rotina. A criança “P” diz “já soltaram uma granada perto da minha escola no ano passado. Eu tenho pavor de tiro, quando solta tiro e eu estou comendo, eu perco a vontade de comer”. Neste momento da gravação da série, as imagens mostram a chegada de um grupo de policiais ao morro e as crianças são chamadas pela apresentadora para entrarem em uma casa.

Apresentadas as crianças ricas e as pobres e os medos que fazem parte do cotidiano de cada um dos grupos – de um lado aquelas que

temem os bandidos e de outro aquelas que se escondem com a chegada da polícia - , Casé, então, para concluir esse primeiro programa da série, comenta sobre os medos que todas as pessoas têm. E conclui, mostrando um desenho feito por uma criança, o qual faz uma reprodução de uma cena de tiroteio. Dizendo “Ah, como era bom se a gente pudesse falar para eles que tudo isso aí é de mentirinha”. A afirmação parece uma forma de fechar o programa de modo mais sereno, mas contraria a própria atitude da apresentadora que em partes anteriores do programa leva as crianças a esse medo retratado pelo desenho, quando pergunta “mas você só tem medo de bicho, de gente não?”

Relação homem x mulher, menino e menina, família, namoro e casamento – análise do segundo programa da série

No segundo programa da série, Regina Casé apresenta temáticas que tratam de relacionamentos entre meninos e meninas, família e casamento. Mais uma vez, assim como ocorreu no primeiro programa, inicia por fazer referência ao passado, falando da emancipação feminina e das brincadeiras que as crianças faziam em outros tempos. Nos sonhos de infância, ela fala da imaginação e facilidade de fazer com que as coisas dessem certo nas brincadeiras e nas quais todos eram “felizes para sempre”. Os comparativos transportam a fala da apresentadora para o mundo real e moderno de hoje dizendo: “Não foi só a boneca que mudou, mudou tudo, a brincadeira é toda diferente. Agora para brincar de casinha tem que pensar em partilha, separação de bens, posse dos filhos, DNA”.

A apresentadora, na sua fala, neste ponto do vídeo faz generalizações sobre relacionamentos, que os casamentos não dão certo, afirmando que “hoje está tudo diferente”. Deixa transparecer que é preciso para viver junto hoje ou casar se precaver de todas as formas, que os casais hoje só se casam por interesse e logo se separam. Para não ficarmos nas generalizações, é importante ressaltar que em 2005 o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou resultados de uma pesquisa que mostra que as uniões, casamentos aumentaram consideravelmente nos últimos anos no Brasil (<http://www.ibge.gov.br/>).

O autor e jornalista Washington Araújo não olha para essa questão da mesma maneira como foi apontada por Regina Casé, no programa em análise. Apresenta um artigo dizendo “É bastante interessante ver esse ressurgimento do interesse pelo casamento, uma das mais antigas instituições da sociedade humana e que, vez por outra, vem um especialista e declara que o casamento está com os dias contados. Pelo jeito, a história é bem diferente. Pelo menos no Brasil deste início de século” (ARAÚJO,2006)⁸.

Araújo apresenta ainda no artigo informações retiradas do site do IBGE, em que constam informações mais específicas sobre a temática, sobre detalhes que vão desde a idade que as pessoas casam até durabilidade dos relacionamentos. Cita os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul como os dois estados onde ficou comprovado através da pesquisa realizada pelo instituto que as relações são mais duradouras. E como os estados onde os relacionamentos duram menos, a pesquisa apontou o Amazonas e o Acre.

A jornalista Clarice Spitz escreve na Folha Online Cotidiano do Rio de Janeiro (cidade onde foi feita a maior parte das gravações do programa de Casé), no dia 12/04/2006, que “O brasileiro está casando mais e as uniões estão mais duradouras. De acordo com Síntese dos Indicadores Sociais, 2005, do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com base nos dados da Pnad, 2004 (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio), o número de casamentos no país cresceu 7,7%”. Os dados da jornalista reforçam os citados anteriormente por Araújo .

Volta-se à série. Uma pergunta simples introduz a temática que fala de namoro com crianças de cinco a seis anos aproximadamente. Quando Casé pergunta “o que é namorar?” uma das crianças, “A”, diz “Namorar? É beijar na boca”. Neste ponto do programa as crianças “A e B” dizem que na escola onde estudam há dois meninos, Bernardo e Antônio, que beijam todas as meninas, e que elas não gostam, “principalmente do Antonio que é o mais beijoqueiro dos dois”. Casé então chama o menino para se explicar e ele diz: “A gente agarra as meninas pra beijar na boca beijei todas as namoradas, beijei todas as mulheres, eu quero mais, mais”.

Na seqüência, o outro menino citado entra em cena e diz que as meninas reclamam dos beijos, não gostam. Logo depois outra menina, caracterizada aqui como “E”, entra em cena e diz “os meninos têm uma coisa diferente. Eles têm mais raiva, só gostam de luta, desses negócios.” Outras meninas ainda definem neste mesmo bloco como percebem o perfil dos meninos que convivem com elas usando palavras como: abobalhados, ridículos e chatos. A menina “G” diz que “tipo se eles encher o saco eu começo a bater neles”.

Outro fato que chama a atenção neste momento da gravação é a participação de dois meninos de mais ou menos 11 anos. Para eles a apresentadora pergunta se já se apaixonaram alguma vez. Um deles começa a querer falar e o outro tenta fazê-lo parar várias vezes, não quer que ele revele fatos de sua vida “amorosa”. Mas de nada adianta, o amigo consegue falar, ele fica com vergonha e diz “... vamos falar de outra coisa que eu já estou ficando vermelho”. Neste momento Regina Casé direciona as perguntas para o amigo tão falante e ele surpreende ao dizer que já se apaixonou muitas vezes e que “apaixonar” é uma coisa “boa”.

O enfoque dado às perguntas neste momento aborda questões referentes ao casamento, relação homem e mulher. Um dos meninos, “J”, diz então, quando perguntado se é melhor ser homem ou mulher, que as mulheres são legais “para fazer comida”. A apresentadora ri e fala “coitada da mulher que casar com você, só vai ficar esquentando a barriga no fogão”. Em seguida Casé faz uma pequena descrição sobre as mudanças no comportamento dos homens e mulheres do nosso tempo dizendo: “Os homens continuam os mesmos, mas as mulheres, quanta diferença. Essa é a notícia nobre: aquele velho sonho de todas as meninas, de casar, ter filhos, fazer comidinha, anda muito em baixa nos jardins de infância”.

A pesquisadora Nelly Novaes Coelho diz no seu artigo “A Emancipação da mulher e a Imprensa Feminina” (séc.XIX- XX) que nos últimos 20 anos diversas áreas de conhecimento como as áreas de Ciências Sociais, Literatura e História apontam crescente interesse por pesquisas que envolvem o mundo feminino. Essas pesquisas, segundo a autora, despertam grande interesse nos universitários por ser o assunto de grande importância para a sociedade atual que cada

vez mais quer saber como eram as mulheres de outros séculos, como pensavam e o que faziam. A autora explica esse momento e assim como Casé também aponta mudanças no comportamento das mulheres. No entanto, a fala da autora não generaliza, apenas enfatiza acontecimentos e mudanças.

O porquê desse interesse pelo mundo feminino é evidente. Já se sabe à saciedade que, entre as grandes revoluções inovadoras que estão em processo em nosso tempo, a que abala os alicerces do antigo mundo feminino é das mais decisivas, pois atinge as próprias bases da sociedade, como um todo. No rastro das grandes mutações político-econômico-sociais que se aceleraram no século XX, as relações homem-mulher foram profundamente alteradas e, conseqüentemente, se alterou o sistema familiar: a mulher transpõe os limites do lar (onde há séculos cumpria o papel de "rainha do lar" que o sistema patriarcal lhe destinara) e ingressa no mercado de trabalho. (COELHO,2006)⁹.

Casé pergunta então à menina “K” se é bom casar e ela responde “mais ou menos. Porque de vez em quando ele bebe e deixa a gente doente da cabeça”. Demonstrando nesta fala um discurso que faz parte do mundo adulto e invade aos poucos a ingenuidade da infância. Outra criança, “M”, também se manifesta dizendo “homem dá muito trabalho, porque eles vão passear, eles vão jogar bola e deixam a gente em casa, a gente tem que arrumar tudo o que eles deixam”. As falas neste momento dizem como essas cabecinhas percebem as relações entre o homem e a mulher. E ainda na seqüência outra menina diz que não quer casar de medo que o marido não a deixe mais “sair de noite, de saia”.

A fala das crianças no programa reflete um amadurecimento precoce da sexualidade, gerada, em grande parte, pela própria mídia. Nos dados da pesquisa realizada por Alchieri e Spessatto (2006), professores ouvidos pelo estudo apontam:

Além da presença de atos que lembram a violência transmitida por desenhos, novelas e filmes, uma erotização precoce das crianças. Na relação, eles (crianças) acham que tudo podem, já que é o que assistem na TV, incentivando a violência e antecipando a idade com a sexualidade vindo mais cedo”, afirma uma das professoras. Outro depoimento complementa: “Na questão do relacionamento entre meninos e meninas, é a falta de respeito entre eles, ou seja, meninos passando a mão em meninas. É a questão da sexualidade aflorando mais cedo”. Também foram lembradas por três professores as interferências da

mídia, de modo geral, na linguagem, especialmente na incorporação de gírias. (ALCHIERI e SPESSATTO, 2006, p.35).

Nas falas das crianças entrevistadas pela série, o casamento aparece como uma idéia de sofrimento para as mulheres, já que a maioria das meninas entrevistadas disseram que não querem casar. Uma das entrevistadas, “G”, chega a dizer que prefere “ter um cachorro” a marido e filhos.

A criança hoje está muito exposta às dificuldades do cotidiano, problemáticas familiares, cenas de todos os tipos (drogas, violência, tiros, brigas, sexo, entre outros) que são apresentadas diariamente pela televisão, muito assistida por ela em diversos horários, principalmente à noite.

Por isso é importante um acompanhamento da sociedade no que diz respeito às produções apresentadas a estes pequenos, pois essas imagens acabam influenciando seu comportamento. Um exemplo forte aparece na série aqui analisada, na qual, muitas vezes, a criança acaba tomando para si a posição da apresentadora. Isso muda totalmente a aparente proposta da série de dar voz à criança. Por isso, ao serem questionadas, a maioria das crianças mudaram de opinião e passaram a incorporar um ponto de vista que não é o seu.

Ricos e pobres: o mundo dividido em classes sociais - análise do terceiro programa da série

Do rico ao pobre. Da zona nobre à favela. A terceira parte da série Crianças foi ao ar no dia 04 de setembro de 2005. Em seus 15 minutos de duração, o programa fez referências às diferenças entre classes sociais e levou as crianças a refletirem sobre as possibilidades de vida em uma sociedade essencialmente de consumo. Neste contexto, Regina Casé abre o programa com o comentário: “a criança não é só alvo fácil para os apelos de consumo, na rua, na TV, ela é uma poderosa ferramenta de mercado. Criança é um golpe de marketing mais certeiro”. E para dar o tom ao foco do programa a apresentadora afirma: “Comprar é uma brincadeira de adulto, por isso que é tão divertido. Mas para a criança poder brincar disso ela tem que passar

primeiro por uma das maiores descobertas da vida: a de que existe criança pobre e criança rica.”

Gravado em uma loja de brinquedos, descreve uma “brincadeira” não muito democrática, voltada especialmente àqueles que têm maior poder aquisitivo. Independente disso, as primeiras crianças entrevistadas no programa foram as do “Quilombo Campinho da Independência”, localizado em Parati, Rio de Janeiro. Lá, duas crianças bisnetas de escravos são indagadas sobre a existência de pessoas pobres e ricas e também a diferença pela cor da pele. Para a criança “H”, a diferença racial existe “porque Jesus bota uns branco e outros preto(sic)” e que este fato ocorre “porque Ele quis que sejam diferentes”.

Mais adiante no programa em análise a apresentadora pergunta à criança se ela é pobre ou rica. As imagens mostradas, o cenário e até mesmo pela legenda - Quilombo Campinho da Independência - utilizado para abrir a entrevista, levam o telespectador a se antecipar à resposta da criança “H”: “pobre”. Então Regina Casé pergunta: “E por que você sabe que é pobre?”, a resposta é imediata, “eu sei porque a mãe sempre fala”. Aparece na fala da criança um conformismo que pode ser traduzido mais ou menos assim: se minha mãe foi pobre, eu também sou e sempre serei. Ao ser questionada sobre a existência de pessoas ricas, a mesma criança afirma: “eu acho que eles são ricos porque eles são brancos”, complementando com a afirmação de que não conhece nenhum negro que seja rico, quando questionada sobre isso pela apresentadora.

O cenário muda, mas a afirmação há pouco utilizada pela criança “H” é reforçada através da narrativa da apresentadora, que agora está no Morro do Vidigal, também no Rio de Janeiro.

A criança “J” disse que era pobre, mas que acima de tudo era feliz. A criança “K” que era “pobre de dinheiro mas rico de saúde”. Quando indagada de por que umas pessoas são ricas e outras pobres, a criança “K” responde: “porque têm pessoas que trabalham mais e conquistam mais”. Aí entra uma intervenção da apresentadora que, através de uma opinião pessoal, faz com que a criança mude de opinião, “eu não acho. Eu acho que tem gente que trabalha muito e fica pobre”, afirma ela. Agora sem a perspectiva de que o trabalho poderia mudar

sua situação o menino olha para sua realidade e responde: “que nem minha vó”.

Outra criança, “L”, disse sobre ser pobre que as crianças ricas eram metidas, mas que mesmo assim ela gostaria de ser rica. Esta afirmativa foi obtida por Regina Casé ao questioná-la: “Mas você queria ser rica?”, certamente a resposta dada foi: “queria”. A entrevistada mostra certo constrangimento ao admitir que ao mesmo tempo em que achava os ricos metidos, também gostaria de fazer parte daquele mundo. Qualquer pessoa inserida na difícil situação atual brasileira, principalmente aquelas que fazem parte da realidade vivenciada em uma favela como a do Morro do Vidigal, iria responder o mesmo. Quem não quer uma vida de luxo e, como descreve a menina “L”: “ela acorda, com um pijaminha de negocinho, assim. Acorda com uma mesa desse tamanho (abre os braços) só para ela. Ela foi para o shopping comprar roupa para ela”.

O cenário muda novamente, dessa vez voltando-se às crianças “cobiçadas pelo marketing”, como anunciado no início do programa. Uma dessas crianças é “M” encontrado pela apresentadora numa loja de altíssimo luxo em Ipanema, sozinho. Ele “vinha de uma joalheria onde tinha comprado algumas pedras semi-preciosas”. Durante a conversa, o menino “M” responde que é mais ou menos rico, mas ao mesmo tempo se contradiz dizendo não conhecer nenhuma criança mais rica que ele. Ao ser perguntado sobre viagens, disse que já havia viajado para Disney “umas sete ou oito vezes” e que o que mais gostava de fazer durante essas viagens era brincar nos grandes corredores dos hotéis por onde passava.

Continuando a conversa, a apresentadora vai de certa forma induzindo a resposta do menino “M”. “Aqui no Brasil é um problema ser rico? Por que você acha que é isso? Por que tem muitas pessoas pobres?”. O menino “M” apenas concorda, logo vem mais uma afirmação, “entendi, num país que não tem muitos pobres a pessoa pode ser rica mais tranqüila. Chato isso, porque você não tem culpa de ser rico, você já nasceu rico, né?” - “É”, ele responde. Na seqüência, a criança entrevistada é a “O”, moradora de Fernando de Noronha. O menino surfista afirma ser pobre e não conhecer nenhuma pessoa rica. Aí a apresentadora, como fez com outras crianças entrevistadas,

faz o entrevistado mudar de opinião, “todas as pessoas que você conhece são pobres. Mas esses turistas que vêm para cá não são ricos?”. “São”, ele responde. “Então qual a diferença deles para você?”. “Nada. Eles têm braço, eu tenho”.

Como a temática é a divisão de classes, ela conduz os entrevistados a concordarem com esta divisão e com a situação mais cômoda de quem pertence à classe alta. O programa também revela uma interferência forte da apresentadora diante de algumas respostas dadas pelas crianças, muitas até fazendo-as mudarem de opinião a partir de sua visão pessoal e não necessariamente de acordo com a compreensão que as crianças entrevistadas têm do mundo.

Criança: dizem que o futuro depende delas - Análise do quarto programa da série

O quarto e último programa da série Crianças foi ao ar no dia 11 de setembro de 2005, também com 15 minutos. A temática discutida partiu de reflexões como: de onde a gente vem? para onde a gente vai? o que cada um prevê para si? e como as crianças são capazes de ver o mundo a partir de seus sonhos e ideais?

Primeiramente, ela indaga as crianças sobre sua existência. As crianças, mesmo aquelas menores, entre três e quatro anos, entrevistadas pelo programa, sabem que não são trazidas por cegonhas e, sim, que a criança “fica numa bolsa de água na barriga da mamãe” e que sai “pela perereca”.

Se a origem biológica foi facilmente explicada pelos entrevistados, questões espirituais não tiveram respostas convictas, mesmo diante de interrogações insistentes da apresentadora. As crianças não tinham muita certeza ao dar respostas quando indagadas pela apresentadora sobre concepção e espiritualidade: “onde a gente fica antes de estar na barriga da mãe” (“C”, na barriga do pai), e “para onde vamos depois de morrer” (“D”, a gente vai para o céu de novo. Eu acho que é). Diante do fato, Regina Casé afirma que “para uma criança esta dúvida não é tão fundamental como para o adulto”. Não se pode perceber quais foram os argumentos usados pela apresentadora nesta parte do programa para fazer tal afirmação. Só mostra uma aparente

contradição em sua narrativa, já que a própria apresentadora igualou as crianças e os adultos, “elas compartilham com a gente as mesmas dúvidas sobre a vida”.

A criança “C” afirma que “antes de estar na barriga da mãe a gente está na barriga do pai”. A criança “D” diz que “antes de estar na barriga da mãe a gente não está vivo” e que “a pessoa fica no céu antes de nascer e depois de morrer”. Esta afirmação pode ser percebida tanto entre as crianças entrevistadas no Rio de Janeiro, como naquelas entrevistadas em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco. Mas cada uma imagina esta “passagem” de forma diferente.

A apresentadora fala também com crianças que incorporam diálogos aparentemente de adultos, fato que pode ser observado devido à forma de se expressarem e de ver o mundo em que vivem. Regina pergunta: “Você se preocupa com o futuro?”. “Um pouco, porque acho que a água, as pessoas não estão sabendo economizar, né? Então, no futuro pode prejudicar”. Questiona a criança “V”, de São Paulo: “como é que a gente amadurece?”, a resposta obtida é “Você conversar muito com adultos, saber dos assuntos, o que você tem que saber quando cresce mais”.

O fato da apresentadora, Regina Casé, expor sua opinião acaba influenciando na resposta da criança. Não se sabe ao certo a real proposta da série Crianças, mas ao entrevistar crianças de classes sociais e lugares distintos, é possível prever que a série deseja saber um pouco mais sobre o que as crianças pensam, esta intenção pode ser confirmada através da narrativa de Regina Casé neste último programa, “é assim: você tenta descobrir o que as crianças sabem, o que as crianças não sabem e você acaba descobrindo o que você não sabe das crianças”.

Educação, criança e mídia

A problemática que envolve a criança e o adolescente tem pautado a mídia nos últimos anos e a grande preocupação de pais, educadores e sociedade está centrada na programação dos veículos de comunicação. A criança passou a ter acesso ao controle da televisão, cada vez mais cedo.

Mas as mudanças acontecem de acordo com cada época, e as tecnologias proporcionam hoje um amplo mercado de novidades. Não é mais necessário produzir os próprios brinquedos, é só comprar. A televisão, neste contexto, promove a inserção desses valores ditados pela modernidade. A educadora Gláucia Guimarães explica:

As reflexões e análises sobre o papel e função da TV nas sociedades contemporâneas apresentam-se sob variadas tendências, indo da mais acrítica aceitação do veículo até a crítica mais contundente, que diz respeito à alienação e reprodução das situações de dominação que a televisão promove e acentua. (GUIMARÃES,2000, p.108).

Considerando a forma como a criança vai construindo o real, Jean Piaget lançou as primeiras luzes necessárias para entendermos melhor como se manifesta “a construção do real”, e outras tantas problemáticas que envolvem as diversas etapas do seu crescimento. Piaget observa essas “etapas” como período em que a criança desenvolve sua capacidade de produzir conhecimento para aprender a interpretar o universo no qual ela está inserida (PIAGET, 2002, p.322).

Quando Piaget começou a observar e descrever o que acontecia no mundo infantil, ele teve como seu principal indicador os apontamentos feitos por Freud, que afirmava ser o destino do homem traçado a partir do seu nascimento e ainda que as experiências afetivas dos primeiros meses de vida deixam marcas profundas que definem a existência das pessoas.

A elaboração da causalidade é estreitamente solidária à do universo, e que deste ponto de vista é impossível admitir uma transformação progressiva da percepção ou representação do mundo sem reconhecer a existência de uma evolução estrutural que une causa e efeito. Mas tal invariante é de natureza funcional e não estrutural. Consiste no fato de que, em todos os níveis, o indivíduo assimila, em um sistema de esquemas coerentes, as ações e seus resultados, ações do próprio corpo inicialmente e, depois, ações atribuídas a objetos cada vez mais exteriorizados e especializados... (PIAGET, 2002, p.322).

Com a constante transformação que as tecnologias proporcionam, hoje estudar elementos que interferem na formação da criança é de fundamental importância. As universidades vêm

demonstrando uma preocupação constante a esse respeito. Especialmente na área da educação, mas também deve atrair a atenção da comunicação social. A televisão, neste contexto, é vista como um produto que promove a interação das pessoas com o mundo, e pode vir a ter influência direta nas escolhas feitas pelas crianças, além de ser um veículo de entretenimento.

A televisão pode ser vista também como elemento que traz benefícios e malefícios, pois transmite conhecimentos, socializa a criança com o universo em que ela está inserida. Heloísa Dupas Penteadado diz que as imagens são importantes na comunicação por serem atraentes, porém é necessário cuidado para que essas imagens não sejam percebidas de forma errônea.

A autora percebe contradições entre as imagens apresentadas pela televisão e as imagens da realidade produzidas pelo imaginário infantil. Ainda, caracteriza a televisão como um canal de comunicação social que expressa as contradições da sociedade em que se insere. “Ela é o único canal social a funcionar como espelho da realidade em que se encontra, pelo qual veiculam “despudoradamente” as contradições e fragmentações existentes” (Penteadado, 1991, p.35).

Os autores Nauro Borges de Rezende e Ana Lúcia Magela de Rezende concordam com Penteadado e acreditam que a criança deve assistir televisão, mas ter claro o que é real e imaginário. O que nem sempre acontece, pois dependendo da idade desta criança telespectadora, ela não consegue ter ainda uma visão mais crítica do que está assistindo. Os autores acreditam ser necessário saber diferenciar o mundo real, da ficção. Mas que o público infantil geralmente não consegue ser crítico suficiente para interpretar o que é apresentado, tornando-se consumidor passivo de um produto que interfere nas suas representações. Essa questão da passividade das crianças é assunto polêmico do qual vem se ocupando muitas pesquisas, principalmente aquelas na área da sociologia da infância.

Tem-se a considerar que a tevê fornece ao telespectador em geral e, o que é particularmente preocupante, ao telespectador infantil mensagens revestidas de tão alto grau de verossimilhança que torna-se difícil delas duvidar... a tevê é, portanto, dogmática. Como tal, a fantasia televisiva facilita a evasão completa e apaixonada, para o telespectador passivo, porque não equilibra realismo e ficção. Seu

caráter narcotizante aí encontra condições favoráveis para multiplicar seus efeitos. (REZENDE e REZENDE, 1993,p.25).

Os meios de comunicação, neste sentido, tornaram-se para a escola um grande desafio. Sabemos que toda a criança precisa ir à escola, e sabemos que ela está na escola, é preciso entender como estas mudanças que modificaram as relações sociais em todos os aspectos acontecem no imaginário infantil. Pesquisas apontam que as crianças ficam em média quatro horas por dia em frente à televisão.

Os programas apresentados pela telinha às crianças fornecem todos os tipos de informação, sendo escassa a possibilidade de filtrar estes conteúdos, o que de certa forma faz com que a criança fique vulnerável a qualquer tipo de programação, que muitas vezes exhibe cenas de sexo e violência que não condizem com a idade dela. Alguns pais conseguem impor limites no que diz respeito às horas em que a criança assiste TV, outros saem para trabalhar e não conseguem controlar esta questão.

Os educadores recebem a criança na escola e muitas vezes os conteúdos apresentados por eles à criança não despertam interesse, pois os programas que ela vê na televisão tornaram-se mais atrativos e interessantes que a sala de aula. Neste sentido de mudanças encontramos uma criança diferente, que mudou seus hábitos e relações, que vê o mundo através de uma nova janela aberta pelos novos aparatos tecnológicos que foram inseridos em seu mundo. A escola segundo Citelli é uma

Instituição privilegiada no contexto da formação da sociabilidade, deve otimizar o seu papel, ampliando o conceito de leitura e de aprendizagem, equipando-se para entender melhor os significados e os mecanismos de ação das novas linguagens, interferindo para tratar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa à luz do conceito de produção dos sentidos, algo que se elabora por uma série de mediações e segundo lugares específicos de constituição, que inclui interesses de grupos, valores de classes, simulacros, máscaras, etc. (CITELLI,2000, p.35).

A fala do autor nos remete a um campo de estudos e problemáticas amplo que envolve a pedagogia, a educação, a escola e a sociedade de uma forma ampla e geral, juntos num mesmo objetivo que é o de encontrar um meio de tornar cada vez melhor a vida da

criança, seja na escola ou em qualquer espaço em que ela esteja inserida. Não é pretensão aprofundar questionamentos a este respeito, apenas apresentar alguns elementos que fazem parte deste processo para entender melhor como os meios de comunicação interferem hoje na vida infantil. E ainda tendo como ponto principal as influências que a televisão promove a seu modo, ditando regras, modismos, conceitos e promovendo mudanças comportamentais em todos os indivíduos, sem exceção. Para Citelli a escola, com a inserção dos meios comunicativos, é vista como um desafio para os educadores que precisam

Encontrar no interior dos espaços educativos descentrados o novo lugar da escola como instância que pode e deve vivificar a aprendizagem, investindo na construção do saber, do pensamento crítico, do prazer de conhecer e criar. Assim, mais do que o puro deslumbramento provocado por um conjunto de aparatos técnicos, os meios de comunicação e as novas linguagens devem ser pensados no contexto de um novo sensorium. (CITELLI, 2000, p.35).

A nova realidade comunicacional que se apresenta no cotidiano infantil tem promovido debates, estudos, reflexões e pesquisas nos diversos setores da sociedade, que buscam alternativas para transformar o ambiente escolar em um espaço onde a criança esteja inserida e faça parte deste mundo, para poder formar um senso crítico que faça com que ela mesma consiga perceber a diferença entre realidade e ficção, dentro do que é apresentado pelas mídias na sua amplitude.

No entanto, sabemos que esta tarefa é árdua e nem todos os envolvidos têm a mesma facilidade para analisar as informações recebidas. É fato ainda que neste mundo de competições é difícil para a escola oferecer os mesmos encantamentos que são apresentados e produzidos pela “telinha”. Essa competição muitas vezes é desleal, pois a realidade das escolas não acompanhou os constantes avanços tecnológicos que são proporcionados pelo quesito econômico. E sobre esta situação Citelli diz que:

No cotidiano escolar, no entanto, os docentes encontram dificuldades para inovar em sala de aula, seja pela ausência de material, seja pela falta de tempo para pesquisa, já que não raro o professor trabalha mais que um período. Não há subsídio para a elaboração de atividades didático-pedagógicas que utilizem metodologias diferentes das

tradicionais. Apesar desta realidade, muitos professores procuram ampliar o diálogo do discurso pedagógico com outras linguagens. (CITELLI, 2000, p.40.).

A falta de investimentos por parte dos órgãos governamentais na área da educação tem contribuído para aumentar esta problemática. As dificuldades encontradas na escola são de várias ordens, entre outras, a falta de materiais ou pela má remuneração do profissional da educação que se vê forçado a complementar seu orçamento com empregos extras.

A realidade que é apresentada para a criança através da TV ou internet é apenas um recorte do real, no entanto o seu imaginário trabalha com a mesma rapidez e intensidade que os meios de comunicação hoje. Esses fragmentos de realidade promovem muitas vezes a identificação dela no mundo em que vive, cenas do seu cotidiano algumas vezes são apresentadas na TV (separação dos pais, morte, violência, sexo, drogas, gravidez na adolescência). Também outras especificidades da tela podem mostrar situações opostas que promovem da mesma maneira sensação de identificação, despertando nela sonhos e desejos que muitas vezes não podem ser realizados (luxo, poder, beleza, facilidades).

A criança, hoje, vivencia a exposição constante e diária a vários tipos de linguagem que se apresentam muitas vezes através dos meios de comunicação. É necessário proporcionar a ela mecanismos que a levem a codificar ou decodificar essas mensagens. E se o mundo está se movendo de modo acelerado é preciso fornecer com a mesma imediatez elementos para que ela não se torne um receptor passivo.

Neste sentido a professora Elza Dias Pacheco (1998) afirma que uma reflexão sobre a importância da leitura crítica sobre as programações das televisões se faz necessária para que as crianças e adolescentes possam compreender o que é transmitido.

É por isso que acredito que a criança deve receber mais atenção, cuidado e reflexão por parte dos profissionais da TV, da sociedade (pais, professores) e do governo, que não tem colocado claramente, em termos de legislação, os princípios recomendáveis e não recomendáveis, quando se trata de programação televisiva. Vemos uma discussão neste sentido, mas o tema é complicado, pois não se tem clareza ou opiniões definitivas sobre a influência da TV nas

crianças. Porém, sabemos que essa influência é grande, é envolvente, sendo assim, deveria haver uma produção e programação que levasse em conta as crianças como um público especial. Elas têm um alto grau de elaboração, tanto que aprendem e imitam o que vêem. (PACHECO, 1998, p.66).

Aprender a ler e escrever, neste sentido, seria o segundo de três passos importantes que a criança dá na sua infância: o primeiro deles seria uma convivência harmoniosa com a família, logo após, como terceiro passo sua inserção dentro da sociedade como ser pensante, capaz, com idéias, pensamentos, vontades, definindo conceitos a sua maneira, criando sua personalidade. Sendo assim, Citelli afirma que: “cabe à escola explorar e trabalhar o cruzamento dessas linguagens, a fim de preparar melhor o aluno para enfrentar as novas realidades geradas pelos meios de comunicação” (2002, p.106).

Sabemos também que a repetição da imagem faz com que a criança construa inúmeras fantasias dentro da trajetória do seu universo infantil e que às vezes é difícil para ela assimilar tantos conteúdos. Para nós, adultos, é importante perceber que essas imagens podem ser consideradas positivas no sentido de que ela vai aprender com o que viu a enfrentar sua realidade. Mas por outro lado, pode ela também querer se apropriar de imagens negativas que viu na tela (cenas de violência, sexo, uso de drogas...), pois as imagens são ao mesmo tempo “boas e ruins”, e essas imagens estão presentes até mesmo nos desenhos animados que se configuram como quase que a totalidade do que é produzido e formatado para a criança nas emissoras de TV.

Para Marcondes Filho, a televisão possibilita a criação e o desenvolvimento do imaginário do receptor, introduzindo novas idéias, conceitos e comportamentos. Esses elementos se transformam produzindo fascínio e promovendo novas possibilidades de percepção.

Se as conversas familiares giravam em torno do conhecido (a rua, a família, os parentes) ou da vida pública (a política, a religião, o futebol), a televisão traz agora “novos momentos”, novas realidades, que mostram mundos desconhecidos e inovadores para o público.[...] Nessa medida ela muda completamente – os hábitos de recepção e percepção da sociedade e da cultura. (MARCONDES FILHO, 1988, p.37).

Muitos pesquisadores, representantes da sociedade e educadores defendem a idéia de que quanto mais a criança observar e participar do que passa a sua volta, tanto no seu mundo real, quanto no apresentado pela TV (que às vezes fornece cenas da vida real mas também fictícia, e que muitas vezes não condizem com a sua realidade) melhor para ela, pois é vendo, participando e conhecendo que se aprende. E aprendendo é mais fácil perceber o que é “bom” e o que é “ruim”, no que diz respeito à leitura de imagens apresentadas pelos meios de comunicação, pelo que é vivenciado na escola, no convívio com a família e sociedade.

No início da TV não se pensava em produções infantis, hoje, cinquenta anos depois de sua chegada no Brasil, ela também atinge à sua maneira o universo infantil. Antes desse aparelho tecnológico ser introduzido no cotidiano infantil, através de desenhos ou outras programações, tínhamos apenas as leituras para mexer com a imaginação das crianças.

Os contos da literatura infantil como Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Branca de Neve, Alice no País das Maravilhas entre outros, eram, além dos brinquedos fabricados artesanalmente, o que existia para promover o entretenimento. Hoje os brinquedos também são produzidos de forma diferente, as brincadeiras mudaram, tudo se modificou. A leitura em outros tempos era oral e o resto ficava por conta do imaginário da criança. Neste sentido é importante destacar a importância deste contato da criança com a literatura infantil, pois ela desenvolve o senso crítico, a imaginação e fortalece sua estrutura interior e exterior.

Mas as mudanças acontecem de acordo com cada época, e as tecnologias proporcionam hoje um amplo mercado de novidades. Não é mais necessário produzir os próprios brinquedos, é só comprar. A televisão, neste contexto, promove a inserção desses valores ditados pela modernidade. A educadora Gláucia Guimarães escreve:

As reflexões e análises sobre o papel e função da TV nas sociedades contemporâneas apresentam-se sob variadas tendências, indo da mais acrítica aceitação do veículo até a crítica mais contundente, que diz respeito à alienação e reprodução das situações de dominação que a televisão promove e acentua. (GUIMARÃES, 2000, p.108).

Considerações finais

Dessa forma, considerando a nossa pergunta de estudo que buscava saber qual foi a participação da criança ao expor sua realidade na série, pode-se considerar que o programa foi um diferencial na abertura de espaço para a participação infantil. Por outro lado, é preciso considerar a forte interferência da apresentadora nessa participação.

As crianças discutiram assuntos sobre os quais, na maioria das vezes, apenas os adultos se manifestam (violência, medo, casamento) e suas interferências sobre as crianças – elas não se casam, ainda, mas sentem na pele os reflexos das relações afetivas entre os pais, conforme constata-se em alguns depoimentos como o de “M” que diz: “Homem dá muito trabalho, porque eles vão passear, eles vão jogar bola e deixam a gente em casa, a gente tem que arrumar tudo o que eles deixam”. Outra criança, “K”, chega a dizer: “Porque de vez em quando ele (o homem – marido – pai) bebe e deixa a gente doente da cabeça”. São depoimentos fortes que apontam especificidades de relacionamentos problemáticos vivenciados pelas crianças entrevistadas pela série.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu entender mais sobre a relação entre a mídia e a criança e, assim, também sobre a relação entre mídia e educação. A análise da série mostra que propostas alternativas, diversificando as fontes entrevistadas para a realização de programas são possíveis. E mais, o público está aberto a esses novos perfis de programação. Diz-se isso levando em consideração o fato de a série Crianças ter tido uma forte repercussão no período em que foi veiculada, o que motivou a execução deste trabalho de pesquisa. No desenvolvimento da mesma o interesse do público pelo programa foi confirmado, já que crianças e adultos participantes foram unânimes em afirmar o interesse pela proposta do programa. Entretanto, ainda é necessário que os profissionais da mídia voltem-se mais a entender o universo infantil e como abordar questões voltadas a ele. Enfim, há muito para a mídia, (dentro dela o jornalismo) trabalhar para contemplar a infância brasileira.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu entender mais sobre a relação entre a mídia e a criança e, neste sentido, também sobre a

relação entre mídia e educação. A análise da série mostra que propostas alternativas, diversificando as fontes entrevistadas para a realização de programas é possível e que o público está aberto a esses novos perfis de programação. Diz-se isso levando em consideração o fato de a série Crianças ter tido uma forte repercussão no período em que foi veiculada, o que motivou a execução deste trabalho de pesquisa. Entretanto, ainda é necessário que os profissionais da mídia voltem-se mais a entender o universo infantil e como abordar questões voltadas a ele.

Enfim, há muito para a mídia (dentro dela o jornalismo) trabalhar para contemplar a infância brasileira.

Notas

¹ Pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Unochapecó, sob orientação da prof^a Ms Marizete Bortolanza Spessato, e defendida em banca em junho de 2006.

² Daniela de Campos

Rua Osvaldo Aranha, 448 E

Maria Goretti

89801-240- Chapecó-SC

E-mail: daninhaeu@unochapeco.edu.br

Graduada em Comunicação Social: Jornalismo na Unochapecó-SC, cursando Pós-graduação em Publicidade e Propaganda: ênfase em Promoção de Vendas, Merchandising e Varejo na mesma universidade, Jornalista responsável pela Revista Cidade Sucesso, Joinville-SC.

³ Ivone Terebinto Alchieri

Rua Fernando Machado, 310 - D - Centro

Edifício Alvorada, ap 401

Cep 89.802.110 Chapeco - SC

Graduada em Comunicação Social: Jornalismo na Unochapecó-SC, Pós-Graduação em Educação Infantil- Séries Iniciais, CELER-Xaxim, SC e Mestranda em Ciências da Educação - UPAP (Universidad Politecnica e Artistica del Paraguay).

⁴ Marizete Bortolanza Spessato: mbs@unochapeco.edu.br

Endereço: Rua Hipólito José da Costa, 229E - Bairro Parque das Palmeiras,

89803650 - Chapecó - SC

Mestre em Linguística pela UFSC, Professora do Centro de Ciências de Comunicação e Artes da Unochapecó, nos cursos de Letras e Comunicação Social.

⁵ Nenhuma das crianças que participaram do programa tem a descrição do nome em legenda. Apenas em algumas situações a apresentadora chama alguns deles pelo primeiro nome. Para efeitos de organização da análise, apresentamos os entrevistados do programa por classificação alfabética a partir da entrada de cada fala, em cada um dos quatro programas. Optou-se por identificar, assim, as crianças, para possibilitar ao leitor entender quando as falas são de crianças diferentes ou voltam à mesma fonte.

⁶ Disponível em www.drauziovarella.com.br 30/08/2002 - acesso maio de 2006.

⁷ Carro blindado de Operações Especiais da polícia do Rio de Janeiro, conhecido como “caverão”, usado em operações especiais da polícia para subir a favela à procura de traficantes.

⁸ Disponível em www.cidadadomundo.org 21/04/2006 – acesso em maio de 2006.

⁹ Disponível em www.kplus.cosmo.com.br – 29/04/2006, acesso em maio de 2006.

Referências bibliográficas

ALCHIERI, Ivone Terebinto; SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **A influência dos programas televisivos no público escolar de 4ª série das escolas de Chapecó**. Chapecó: Unochapecó, 2006 (relatório de pesquisa financiada pelo Artigo 170/FAPE/UNOCHAPECÓ).

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação**. A linguagem em Movimento. São Paulo: SENAC, 2000.

CITELLI, Adilson. **Outras Linguagens na Escola: publicidade, cinema e TV, radio, jogos, informática/coordenador**. São Paulo: Cortez, 2002.

GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola: discursos em confronto**. São Paulo: Cortez, 2000.

HERINGER, Rosana. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. Cad. Saúde Pública, 2002, vol.18 supl, p.57-65. ISSN 0102-311X. acesso maio 2006.

MARCONDES, Filho Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1998.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas, SP: Papiros, 1998.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e Escola – Conflito ou Cooperação**. São Paulo: Cortez, 1991.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

REZENDE, Ana Lucia Magela de. **A Tevê e a criança que te vê**. São Paulo: Cortez, 1989.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

MARCONDES, Filho Ciro. **Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARCONDES, Filho Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1996.

Referências eletrônicas

CLARICE SPITZ **Número de casamentos cresce e de divórcios diminui no país** Folha Online www.folha.com.br, Rio de Janeiro 12/04/2006, acesso maio 2006.

Nelly Novaes Coelho, da USP – Universidade de São Paulo, escritora e crítica literária **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**, 29/04/2006 www.kplus.cosmo.com.br acesso maio 2006.

ARAÚJO, Washington, artigo **Casamento em alta, é o que diz o IBGE**. 21/04/2006. Disponível em www.cidadaodomundo.org, na pasta Direitos do Cidadão, acesso em maio de 2006.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. **A TV Universitária como Instrumento de Difusão da Cultura Regional**. Disp em: http://www.abtu.org.br/arquivos_tvu_cultural_regional.asp. Acesso em: 30 de outubro de 2005.

Abstract: This paper presents an analysis of the “Crianças” TV series, a Globo Network production aired on the Fantástico news show from August to September 2005. The series was built from children’s statements about different everyday themes: fear, man/women relationships, social divide and future. Among the proposed objectives of the research which originated this paper was analyzing if “Crianças”, while trying to let children “speak”, actually granted their effective participation, as well as to identify the main characteristics which constituted the serial, seen here as a journalism/entertainment crossing, the same as Fantástico, the show where it aired.

Keywords: children, media, education.

Recebido em novembro 2006.

Aceito em abril 2007.